

“ALARME DE INCÊNDIO”: ROMANTISMO, MESSIANISMO E MARXISMO EM WALTER BENJAMIN

Fabio Mascaro QUERIDO¹

Mergulhar na obra de um autor como Walter Benjamin requer, acima de tudo, predisposição à “surpresa”; sua obra fragmentada, entrecortada, escapa das classificações correntes na história das idéias. Apanhá-la como teoria capaz de enfrentar os desafios sempre renovados do real não é tarefa das mais fáceis. Talvez esteja justamente aí, na suficiente disposição para encarar tal miríade temática e para trazer à superfície aquilo que continua a resistir à prova da história, a relevância da leitura proposta por Michael Löwy (2005), tal qual ele nos apresenta em *Walter Benjamin: Alarime de Incêndio. Uma Leitura das teses Sobre o Conceito de História*, uma análise instigante do texto redigido às vésperas do suicídio do autor, em 1940, e que ainda hoje constitui um dos mais importantes documentos do pensamento socialista².

Revolucionário e crítico radical das filosofias do progresso, Benjamin fez de seu romantismo, aliado a uma concepção particular do messianismo judaico, combustível explosivo na composição de uma luta pelo futuro, própria do socialismo marxista. Em sua obra, segundo percebe Löwy (2005), romantismo alemão, messianismo judaico e marxismo fundem-se de modo a dar origem, não a uma “síntese” eclética de figuras socioculturais tão distintas entre si, mas senão a uma nova e profundamente original concepção da história; trata-se, antes de tudo, de uma “fusão alquímica”, sob a qual se estabelecem os parâmetros concretos de uma verdadeira “afinidade eletiva” entre as fontes inicialmente tão diferentes.

No interior dessa constelação multifacetada, cujo epicentro é composto de rupturas e continuidades, as teses “Sobre o conceito de história” constituem a expressão “mais profunda, mais radical e mais subversiva” dessa nova percepção da história e da temporalidade, operada por uma geração de intelectuais e escritores

¹ Graduando em Ciências Sociais – Bolsista FAPESP. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. – SP – Brasil. 14800-901 – fabiomascaro@yahoo.com.br

² Na perspectiva de Löwy (2005), as teses “Sobre o conceito de história” constituem-se no “documento mais significativo” do pensamento revolucionário desde as “Teses sobre Feuerbach”, redigidas em 1845 por Marx.

da Europa Central nascidos no último quarto do século XIX³. Daí a preocupação de Michael Löwy (2005) em realizar uma “análise ‘talmúdica’ – palavra por palavra, frase por frase” – do texto benjaminiano, cuja constelação de imagens, de alegorias, de estranhos paradoxos metafóricos, deu lugar, como já previra o próprio Benjamin, a muitas incompreensões de seu real significado⁴.

Estimulada diretamente pelo pacto germânico-soviético, pela eclosão da Segunda Guerra e pela ocupação nazista da Europa, as teses conformam-se, no entanto, como o resumo, a “expressão última e concentrada das idéias que permeiam toda a obra” de Benjamin. Assim, se de fato a redação delas é resultado imediato de uma resposta direta às imperícias daquele momento terrível da história contemporânea – era “meia-noite no século”, segundo expressão de Victor Serge -, tampouco, por outro lado, pode-se reduzi-la a mero reflexo dessa conjuntura precisa; na perspectiva sugerida por Löwy (2005, p.35), o documento “[...] é portador de um significado que supera, de longe, a constelação trágica que o fez nascer [...]”, afinal, “[...] se, ainda hoje, ele tem a nos dizer, se suscita tanto interesse, discussões, polêmicas, é porque, através do prisma de um momento histórico determinado, ele coloca questões relativas a toda a história moderna e ao lugar do século XX no percurso social da humanidade.”

O itinerário crítico do filósofo alemão, tal como ele se concentra no documento de 1940, voltava-se – sobretudo – contra uma certa “tendência amorfa do progresso”, cujas feições positivistas delimitavam o fundo comum sob o qual se ergueu, a partir da tradição iluminista, uma grande variedade das correntes do pensamento europeu, desde o historicismo conservador, passando pelo evolucionismo social-democrata, até o marxismo vulgar⁵. Para Benjamin, essas várias “ideologias do progresso” reúnem em comum uma concepção vazia e meramente quantitativa do tempo histórico: “[...] a representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história, percorrendo um tempo homogêneo e vazio [...]”, afirma Benjamin (apud LÖWY, 2005, p.116) na tese XIII.

No âmbito dos debates marxistas sobre o caráter da concepção materialista da história, diálogo oculto – por assim dizer – que percorreu toda a trajetória do

³ A propósito, vale mencionar o estudo realizado pelo próprio Löwy (1989), sobre o que ele chamou de “judaísmo libertário na Europa Central”.

⁴ Em carta dirigida a Gretel Adorno, Benjamin afirma que a redação das Teses não se destinava à publicação, porque isso “abriria as portas para a incompreensão entusiasta”. Para Löwy (2005, p.34), os “receios proféticos” do filósofo alemão “[...] se realizaram plenamente: boa parte da literatura sobre as teses resulta da incompreensão, ora entusiástica ora cética, mas de qualquer maneira incapaz apreender a dimensão do texto.” A primeira publicação das teses “sobre o conceito de história” realizou-se na França, em outubro de 1947, nas páginas da *Les Temps Modernes*.

⁵ “Estabelecer uma cisão inevitável entre nossa forma de ver e as sobrevivências do positivismo.” – assim Benjamin (apud LÖWY, 2005, p.33) sintetizou, em carta a Adorno de fevereiro de 1940, o objetivo central das teses “Sobre o conceito de história.”

pensamento socialista⁶, a originalidade da nova abordagem histórica proposta por Benjamin repousa na força com que é capaz de enfatizar o caráter profundamente anti-positivista das concepções marxianas, partilhando, assim, da crítica outrora levantada por autores como Georg Lukács, Karl Korsch e Antonio Gramsci, antecipando, em muito, algumas das observações posteriormente realizadas por Herbert Marcuse.

Em Benjamin, o materialismo histórico, para não se deixar levar pelos epígonos vulgares, para os quais a história caminha triunfalmente na direção do socialismo, necessita da ajuda da teologia, como um momento de redenção no cerne da revolução. Política e teologia, revolução e redenção apresentam, como se percebe através das alegorias e metáforas presentes nas “teses...”, uma complementaridade dialética, no interior da qual a revolução vincula-se intimamente aos imperativos de resgate e rememoração das vítimas do passado, dos “vencidos da história”, como sugere a tese II. História aberta implica, na concepção benjaminiana, não somente a abertura das possibilidades do futuro, mas a uma nova escrita da história, desta vez do ponto de vista dos oprimidos. Eis o sentido de seu chamado a “escrever a história a contrapelo”, presente ao final da tese VII. No limite, tratava-se de uma arguta crítica da “positividade científica” e da “razão histórica”, a qual constitui uma “vasta causa”, onde confluem e se misturam elementos místicos e profanos, românticos e revolucionários (BENSAÏD, 1999, p.124).

A crítica ao capitalismo é estendida, nesse ínterim, ao conjunto das prerrogativas do pensamento iluminista, em um movimento teórico que, levado a fundo, foi um dos mais tenazes questionamentos da racionalidade meramente parcial/instrumental da modernidade. Bem entendido, a formação romântico-germânica de Benjamin, patente desde seus escritos de juventude, lhe reservou um grande arsenal para a fundamentação de sua crítica ao progresso – e aí reside justamente, como bem salienta Löwy, uma das razões do potencial crítico do filósofo alemão ainda hoje. Nele, como no conjunto dos “românticos revolucionários”, a lembrança do passado prescreve-se como arma para a luta pelo futuro; uma vez que, segundo recomendação de Löwy, por romantismo deve-se compreender não somente uma escola literária do século XIX, mas senão uma verdadeira “visão social de mundo”, uma estrutura de sensibilidade que se manifesta em todas as esferas da vida cultural, desde Rousseau, passando pelos surrealistas, e até mesmo por uma corrente “marxista romântica”, na qual, além do próprio Benjamin, encontram-se autores como o jovem Lukács, Henri Lefébvre, Herbert Marcuse, André Breton, E.P.Thompson, Raymond Williams, para ficar apenas em alguns poucos.

⁶ As várias leituras possíveis dos textos de Marx circunscreveram, a bem da verdade, uma ampla variedade de “marxismos”, todos reivindicando para si a interpretação mais adequada. A propósito, ver Bensaïd (1999).

No livro ora aludido Löwy (2005) aposta que a filiação romântica de Benjamin foi justamente o que lhe permitiu não se submeter às críticas ao fascismo propaladas pela maioria do marxismo daquele momento. Para o filósofo alemão, por contraste ao que pensavam as correntes dominantes do movimento socialista da época (de um lado, a social-democracia; de outro, o stalinismo), o fascismo não era uma “exceção”, um vestígio do passado que fugia à regra do progresso, pronto a ser engolido pela reorganização da “norma” ou da “razão” histórica; ao contrário, em suas sugestões, o fascismo, assim como as demais catástrofes do *moderno* século XX, pelo seu nível técnico e pelos interesses a que estava a serviço, não poderia existir senão no século XX, como continuidade *sui generis* – por assim dizer – da opressão dos vencedores que se mantém ao longo da história. Vista sob a luz dos oprimidos, a norma, a regra da história é a opressão, a barbárie, a violência dos vencedores; nas palavras do próprio Benjamin (apud LÖWY, 2005, p.83), na tese VIII, “[...] a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ no qual vivemos é a regra.” Um verdadeiro “estado de exceção”, no coração da modernidade, poderia insurgir de modo permanente, segundo o filósofo alemão, tão-somente em uma sociedade sem classes, utopia prefigurada pelas revoltas e sublevações que interromperam – e ainda interrompem – por um breve momento o cortejo triunfante dos dominantes⁷.

Para Benjamin, segundo sugere a leitura proposta por Löwy, a concepção materialista da história, se almejar a manutenção de sua potencialidade crítica e radical, deve se colocar como herdeira desses séculos de lutas e revoltas que obstruíram a marcha triunfante do “progresso” dos vencedores. Nesse caso, o restabelecimento de um passado perdido e a visão utópica do futuro iluminar-se-iam mutuamente, de sorte a determinar que a revolução projetada para as novas gerações seja também a testamentária de uma redenção messiânica (*tikkum*) do passado⁸.

Essa transformação passa prioritariamente pela modificação radical das condições de reprodução e controle dos processos de produção da vida material dos homens – as “coisas brutas e materiais” a que Benjamin – citando Hegel – se refere na tese IV; mas envolve também uma dimensão espiritual imanente a luta de classes, na qual “[...] o passado é iluminado pela luz dos combates de hoje, pelo sol que se levanta no céu da história [...]”, tal qual observa Löwy (2005, p.60). A rememoração dessa experiência perdida, que politicamente está a cabo

⁷ Valendo-se do “pessimismo revolucionário” de Pierre Naville, para quem o pessimismo constitui a fonte do método revolucionário de Marx, Walter Benjamin, “[...] ao contrário do marxismo evolucionista vulgar – que pode se referir evidentemente a alguns escritos dos próprios Marx e Engels – não concebe a revolução como resultado ‘natural’ ou ‘inevitável’ do progresso econômico e técnico, mas como a interrupção de uma evolução histórica que leva à catástrofe.” (LÖWY, 2005, p.23).

⁸ Nas palavras do sociólogo franco-brasileiro, trata-se ainda hoje de se “[...] enriquecer a cultura revolucionária com todos os aspectos do passado portadores da esperança utópica [...]”, uma vez que o marxismo perde seu sentido mais profundo e radical “[...] se não for também o herdeiro e o executante testamentário de vários séculos de lutas e de sonhos de emancipação.” (LÖWY, 2005, p.57).

do proletariado revolucionário – messias profano da modernidade – retratado por Lukács em *História e consciência de classe*, pode ser localizada esteticamente nos poemas de Baudelaire, expressão da inseparabilidade entre civilização e barbárie – no seio das “multidões” -, e retrato cabal da contradição entre a experiência autêntica e a eterna repetição do mesmo, própria do tempo indiferenciado da civilização moderna.

Ademais, as sugestões de Benjamin contribuem, ainda hoje, para que o pensamento socialista possa se desprender totalmente da exaltação do trabalho sob fórmulas secularizadas da velha moral protestante, que se fez presente no interior do movimento comunista tradicional e das experiências burocráticas do leste⁹. Segundo evidencia a cuidadosa leitura de Löwy (2005, p.100), ao engendrar uma crítica ao conceito de trabalho que “[...] só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade [...]”, o filósofo alemão antecipava algumas das preocupações ecológicas da segunda metade do século XX, reafirmando, por contraste ao marxismo vulgar – de inspiração tecnocrática e positivista -, a necessidade de um novo pacto entre os humanos e seu meio ambiente.

Enfim, em tempos nos quais o cortejo triunfalista dos vencedores da história sentiu-se tranqüilo para proclamar abertamente o “fim da história”, as insistências de Benjamin na abertura da temporalidade histórica envolvem, como bem se entende no texto de Löwy, uma nova vivência do tempo-de-agora, sob o qual passado, presente e futuro adquirem uma nova escrita da história, uma nova escuta do tempo e, fundamentalmente, uma nova vida, uma terra sem amos – tudo isso, no âmbito de uma história que, *por si só*, “não faz nada”, como bem alertara Engels, a não ser deixar-se levar pelos imperativos da barbárie no coração da civilização capitalista.

LÖWY, M. **Walter Benjamin**: alarme de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

REFERÊNCIAS

LÖWY, M. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENSAÏD, D. **Marx, o intempestivo**: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

⁹ Por vias e perspectivas completamente opostas, Weber e Lênin topam-se, todavia, no espectro dessa aceitação resignada do velho conceito protestante do trabalho, resultado da não superação da forma-mercadoria e do trabalho abstrato no interior das experiências do leste. Ver: Kurz (1993).

KURZ, R. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Tradução de Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Paz e Terra, 1993.